

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE – UFAC
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – CFCH
CURSO DE BACHARELADO EM PSICOLOGIA

Gabriel Brilhante Mouta
Henrique de Souza Gomes

Masculinidades, heteronormatividade e homofobia: uma análise de perfis do *Grindr* de uma cidade do Acre

Rio Branco-AC

2022

Gabriel Brilhante Mouta
Henrique de Souza Gomes

Masculinidades, heteronormatividade e homofobia: uma análise de perfis do *Grindr* de uma cidade do Acre

Pesquisa apresentada ao Curso de Bacharelado em Psicologia da Universidade Federal do Acre, para composição da nota da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso, ministrada pela docente Dra. Patrícia da Silva.

Orientadora(o): Wisney Batista dos Santos.

Rio Branco - AC

2022

Gabriel Brilhante Mouta
Henrique de Souza Gomes

Masculinidades, heteronormatividade e homofobia: uma análise de perfis do *Grindr* de uma cidade do Acre

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção de título de Bacharel em Psicologia pela Universidade Federal do Acre.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Wisney Batista dos Santos – UFAC (Orientador)

Edgar da Silva Junior – Avaliador Externo (Membro da banca)

Gustavo Albuquerque Castro - Avaliador Externo (Membro da banca)

Rio Branco

2022

Masculinidades, heteronormatividade e homofobia: uma análise de perfis do *Grindr* de uma cidade do Acre

Resumo

Este trabalho buscou analisar padrões de masculinidade, assim como a reprodução de homofobia entre homens LGBTQIA+ no aplicativo de relacionamentos *Grindr*. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, descritiva e de corte transversal. Para tal, é utilizado os conceitos da Casa-dos-Homens de Welzer-Lang (2001), que se refere a espaços frequentados ou voltados unicamente por e para homens; Grandes-Homens dessa casa, os que mais têm características que os aproximam do ideal de homem, que se distanciam de qualquer característica considerada feminina, ocupando o topo da hierarquia; Pequenos-Homens, aqueles que mais desviam dos ideais viris, que possuem sexualidades não normativas e características que os desviam da performance hegemônica. Para a coleta de dados e decisão de quais perfis dentro do aplicativo fizeram parte da amostra, foi criada uma tabela com categorias de coleta (APÊNDICE I). Desta forma, a interpretação e análise dos dados coletados foram criadas as seguintes categorias de análise: (1) mecanismos de heteronormatividade; (2) padrões de masculinidades; (3) reprodução de homofobia e (4) reprodução de outros tipos de discriminação. Foi percebida a presença de (1) perfis sem fotos de identificação, além de palavras que sugeriram busca por anonimato (“*sigilo*”, “*discreto*”, etc.), tidas como negação da vivência livre da sexualidade e estratégias de proteção; (2) expressões como “*macho*”, “*dominador*”, “*não sou afeminado e nem curto*”, indicando cultuação pelas masculinidades hegemônicas e recusa pela feminilidade; (3) uso da palavra “*viado*”, destacando um espaço hierárquico; e (4) demonstrativos de discriminações contra pessoas com deficiência, outras sexualidades além da homossexualidade e exclusão de pessoas trans.

Palavras-chave: masculinidades, heteronormatividade, homofobia, LGBTQIA+.

Abstract

This work sought to analyze patterns of masculinity, as well as the reproduction of homophobia among LGBTQIA+ men in the dating app Grindr. This is a qualitative, descriptive and cross-sectional study. To this end, the concepts of Welzer-Lang's House-of-Men (2001) are used, which refer to spaces frequented or dedicated solely by and for men; Great-Men of this house, who are the ones who most have characteristics that bring them closer to the ideal of man, who distance themselves from any characteristic considered feminine, occupying the top of the hierarchy; Little Men, those who most deviate from virile ideals, who have non-normative sexualities and characteristics that deviate them from the hegemonic performance. To collect data and decide which profiles within the application were part of the sample, a table with collection categories was created (APPENDIX I). For the interpretation and analysis of the collected data, the following categories of analysis were created: (1) heteronormativity mechanisms; (2) masculinity patterns; (3) reproduction of homophobia and (4) reproduction of other types of discrimination. The presence of (1) profiles without identification photos was noticed, in addition to words that suggested the search for anonymity (“secrecy”, “discreet”, etc.), considered as denial of the free experience of sexuality and protection strategies; (2) expressions such as “macho”, “dominating”, “I am neither effeminate nor short”, indicating worship for hegemonic masculinities and rejection of femininity; (3) use of the word “faggot”, highlighting a hierarchical space; and (4) evidence of discrimination against people with disabilities, sexualities other than homosexuality and the exclusion of transgender people.

Key-words: masculinity, heteronormativity, homophobia, LGBTQIA+.

No ocidente, o conceito de masculinidade se estabeleceu, de modo geral, através do culto ao viril e o reforço de normas que padronizam o ideal de homem, normas estas baseadas quase que em sua totalidade na rejeição do que é lido como feminino, “de mulher”. Tal conceito tem sido então um recente objeto de estudos que buscam identificar principalmente de que forma esses padrões foram sócio-historicamente construídos e se estabelecem ainda hoje, além de quais problemas são gerados a partir desse estabelecimento (Valeska Zanello, 2018). De acordo com Welzer-Lang (2001), problemas como a misoginia, dominação das mulheres, homofobia e sofrimento decorrente de abusos emocionais e físicos são resultados da perpetuação de ideais de masculinidade nocivos e da norma heterossexista que hierarquizam as relações e beneficiam principalmente homens, que estão adequados a esses padrões.

Considerando a forte relação entre homofobia e a construção e reafirmação de masculinidades hegemônicas e heteronormatividade, apontada por Welzer-Lang (2001) em “*A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia*”, esta pesquisa explora tais fenômenos, considerando o conceito da “Casa-dos-Homens” do autor supracitado, o qual será melhor descrito ao longo deste artigo, através da análise de conteúdo de Bardin (2016). Tal análise foi realizada a partir das comunicações presentes nos perfis de usuários do *Grindr*, aplicativo de relacionamentos que se apresenta como voltado para o público LGBTQIA+, sendo esse espaço virtual percebido como uma possível configuração da Casa-dos-Homens, no qual possa haver elementos de reforço aos padrões de masculinidade e heteronormatividade e, conseqüentemente, a reprodução de homofobia. Será abordada ainda a homofobia configurada como reprodução (Paveltchuk & Borsa, 2020) por um grupo de pessoas ao qual este tipo de preconceito é direcionado.

Por comporem parte de um grupo minoritário e estigmatizado, esses homens são, com certa frequência, vítimas de rejeição, discriminação e violência, acarretando em altos índices

de depressão, ansiedade, somatização e baixa autoestima entre a população LGBTQIA+, especialmente homossexuais e pessoas trans (Figueira, 2020). Dessa forma, entende-se que a psicologia pode auxiliar na compreensão das reproduções de homofobia entre os usuários do *Grindr* e o sofrimento psíquico que essa hierarquia da Casa-dos-Homens pode causar entre pessoas LGBTQIA+.

É importante, ainda, destacar que as masculinidades são resultados de produções sociais e quando é referido, ao longo deste estudo, a “padrões de masculinidade” e “masculinidade hegemônica”, diz-se sobre a masculinidade produzida como norma que se opõe aos outros tipos da expressão, as masculinidades subalternas, como propõe Kimmel (1998). O termo é utilizado ainda no plural, salvo alguns momentos em que faz referência à configuração hegemônica, para que se abram as possibilidades de pensar a variedade das masculinidades, que variam em cultura, momento histórico, e ao longo da vida de qualquer homem, a fim de destituir as oposições às manifestações subalternas (Kimmel, 1998).

O presente estudo tem cunho de investigação qualitativa descritiva de corte transversal, utilizando a etnografia virtual (Mercado, 2012) como técnica de coleta de dados e a análise de conteúdo apoiada em Bardin (2016). Teve como objetivo analisar perfis de usuários do aplicativo *Grindr* de uma cidade do Acre por meio da técnica de análise de conteúdo de Bardin (2016), buscando identificar se há reprodução de padrões de masculinidades, heteronormatividade e homofobia nos conteúdos que emergem no aplicativo, e de que forma são reproduzidos, a partir da perspectiva do conceito da Casa-dos-Homens de Welzer-Lang (2001).

Abrindo as portas da Casa-dos-Homens

O conceito da Casa-dos-Homens

Para compreender o conceito da Casa-dos-Homens, é importante definir antes alguns elementos que estão fortemente implicados na construção desses espaços. De acordo com Zanello (2018), o ideal de homem sofreu modificações ao longo da história, mas a hierarquia que posiciona homens no topo dessa pirâmide e as mulheres na base se manteve. Passam a ser vistas como qualidades fundamentais a esses indivíduos ditos masculinos, a partir do século XVIII, grande carga energética, atividade sexual, autocontrole, resistência física e moral, e coragem, características que passam a ser “naturais” e, assim, espaços públicos e atividade laborativa remunerada são garantidas por meio desta configuração de virilidade.

De acordo com Vigarello (2013), no contexto ocidental, a virilidade pode ser definida como padrões de comportamentos e ações que determinam quais qualidades constituem o dito homem “perfeito”, qualidades estas que se complementam (a grande carga energética que se une à resistência física, que se une à coragem, etc.), promovendo assim, aqueles que melhor performam o ideal de masculinidade. Ainda segundo o autor, é através do enaltecimento da virilidade, do culto ao masculino, diminuídos e estigmatizados os indivíduos que mais se distanciam dessas características, estabelecendo-se, então, hierarquias entre os homens.

As hierarquias que se concretizam em função dos homens e das masculinidades são então reforçadas a partir da negação de direitos e dominação de mulheres e, em maior escala, de outros homens que se distanciam dos padrões de masculinidade (Welzer-Lang, 2001). Segundo Zanello (2018), a dominação masculina é apoiada em quatro pilares: 1) o que se inscreve no mundo social, no que diz respeito às construções culturais, históricas e locais; 2) o pilar voltado contra o próprio indivíduo, impelido a se reconhecer e afirmar bruto e cada vez mais controlado em seus afetos e comportamentos; 3) o terceiro, contra as mulheres, que não são percebidas como indivíduos, tidas como não-homens, portanto, inferiores; 4) e o último pilar se inscreve entre os homens, instaurando-se competições por controle e

submissão daqueles que se distanciam dos padrões viris, lidos inferiores. Assim, para ser melhor compreendido o conceito da Casa-dos-Homens, o quarto pilar (referente à relação homem/homem) ganha foco.

É nesse contexto de masculinidades, hierarquia e dominação e subjugação nas relações entre homens que se constroem as Casas-dos-Homens, conceito proposto por Welzer-Lang (2001), que se refere a espaços frequentados ou voltados unicamente por e para homens. Esses espaços existem desde a infância dos homens e se reconfiguram ao longo de suas vidas, sendo lugares que centralizam homens e os colocam em posição de poder, podendo ser exemplos: pátios de escolas, clubes de futebol, bares, barbearias, vestiários, dentre outros.

Conforme o autor, são lugares de socialização entre homens marcados, principalmente, pela forte negação do feminino em prol da afirmação do masculino, onde são aprendidos e reafirmados comportamentos, conversas e formas de se relacionar regulados pelos padrões viris estabelecidos, onde são internalizados os valores da masculinidade hegemônica (Welzer-Lang, 2001). Outra característica forte desses espaços é o clima constante de competição, onde são comparados constantemente características físicas, status social, conquistas pessoais, etc., na busca de diferenciar-se como “mais macho”.

A partir dessas comparações é determinado então quem são os Grandes-Homens da casa, os que mais têm características que os aproximam do ideal de homem, são os homens viris, brutos, que se distanciam de qualquer característica considerada feminina, ocupando o topo da hierarquia da Casa-dos-Homens, são os que dominam esses espaços, subjugando assim os Pequenos-Homens, aqueles que mais desviam dos ideais viris, que possuem sexualidades não normativas e características que os desviam da performance hegemônica. tendo como consequência desse tipo de relação o reforço e reprodução de virilidade e a concretização de relações de dominação (Welzer-Lang, 2001).

Adentrando a sala da Casa-dos-Homens

Heteronormatividade e Homofobia

Ao se constituir, a masculinidade padrão, com todos os seus requisitos e performances, é apontada por Welzer-Lang (2001) como uma grande geradora de homofobia. O autor conceitua a homofobia como discriminação contra homens que apresentam características, comumente lidas femininas, sendo os principais alvos, os que se identificam com sexualidades não héteros. Vinculado a este tipo de discriminação se inscreve a heteronormatividade, que pode ser entendida como uma mescla de crenças, valores, comportamentos e discursos estabelecidos como a única expressão da sexualidade válida (Warner, 1993).

No ocidente, a partir das reformulações históricas de masculinidade após o século XVIII, a expressão da sexualidade foi moldada e ditada como natural, desde que seja heterossexual, passando a ser um quesito importante na reafirmação do homem viril, que está sempre na posição de “ativo”, de “penetrador” (Zanello, 2018). De acordo com Sáez & Carrascosa (2016), o homem que não possui o “cu fechado” está automaticamente retirado de seu local de homem, pois destoa do ideal do ativo-penetrador, do homem viril. Assim, o homem visto como um negador de seu papel, que não nega os “perigos do ânus” enquanto lugar erógeno e de demonstrar comportamentos ditos “afeminados” compõe a base da hierarquia da Casa-dos-Homens, é oposto ao Grande-homem, estigmatizado como anormal, “passivo” (Welzer-Lang, 2001).

Descendo as escadas

O Grindr

Com o desenvolvimento de tecnologias e a onda da globalização, plataformas virtuais se tornaram um meio de promoção de interação social, expandindo as formas de contato. No entanto, mesmo essas formas de comunicação que não dependem de um campo físico e diálogos diretos estão atravessadas por hierarquias sociais e relações de poder que envolvem questões raciais, de gênero e sexuais (Miskolci, 2009). Rothenburg & Stroppa (2015) destacam que o anonimato proporcionado por espaços virtuais, como aplicativos de relacionamento, permite e potencializa discursos discriminatórios que não seriam compartilhados pessoalmente.

Uma dessas plataformas é o aplicativo de relacionamentos *Grindr*. Criado em 2009, o aplicativo é apresentado no *site* ([Grindr: The World's Largest Social Networking App for LGBTQ People.](#)) como voltado pessoas LGBTQIA+, no qual usuários maiores de dezoito anos podem criar perfis compostos por nome de exibição, fotos, breve descrição pessoal, presente no *app* como “Sobre mim”, adição de palavras-chave para que sejam encontrados com mais facilidade (*tags*), *stats*, nos quais podem ser definidas idade, altura, peso, etnia, porte físico, posição sexual, tribos, e relacionamento atual, além de especificadores de expectativas do usuário ao utilizar o aplicativo, identidade de gênero e *status* de saúde. Na plataforma é disponibilizado ainda um *chat*, onde os usuários podem iniciar conversas, podendo ser usado para buscar por encontros casuais, relacionamentos, interação social, etc. (Saraiva, Santos & Pereira, 2020). O aplicativo possui ainda uma versão gratuita e uma versão paga, chamada *Grindr Xtra*. Na versão gratuita são disponibilizados apenas 100 perfis, enquanto em sua versão paga são disponibilizados até 600 perfis. O *Grindr Xtra* se diferencia da versão gratuita também por permitir funções extras, como o envio ilimitado de fotos temporárias (que só podem ser vistas uma vez) pelo chat, ausência de anúncios de terceiros, verificação de mensagens, filtros para perfis que possuem fotos, filtro de seleção de

características físicas, e a possibilidade de ficar "invisível" observando as outras pessoas que estão online, dentre outras funcionalidades.

De acordo com Illouz (2011) o aplicativo funciona numa lógica liberal, fazendo deste espaço virtual um lugar propenso para reprodução de padrões heterocentrados, além de discursos racistas e classistas, colocando os usuários em posições desfavoráveis e vulneráveis a sofrer com esses tipos de discriminação.

Diante do conceito da Casa-dos-Homens de Welzer-Lang (2001), considerando as problemáticas que o envolvem e a possível presença dessas problemáticas apontadas dentro do aplicativo, o *Grindr* foi escolhido, dada a sua maior popularidade frente a outras plataformas de relacionamento para pessoas LGBTQIA+, como objeto de estudo desta pesquisa. A escolha do *Grindr* se fez também considerando que, embora o aplicativo seja apresentado no *site* como um aplicativo LGBTQIA+, ao buscarmos tal aplicativo nas lojas de aplicativos, está referenciado como “Bate-papo gay”, utilizado predominantemente por homens gays cisgênero, configurando-se em um espaço monossexual, de e para homens, podendo ser uma possível variação da Casa-dos-Homens.

Justifica-se a necessidade desta pesquisa pela importância de explorar esse ambiente virtual de modo que proporcione um maior entendimento da organização do mesmo, levando mais a fundo questões pouco discutidas, como a perpetuação de padrões de masculinidade, heteronormatividade e homofobia por um grupo de homens que compõem uma minoria, enquanto pessoas que possuem, mesmo que de forma secreta, uma identidade sexual não normativa (Carrieri, Perdigão & Aguiar 2014). Considerando ainda que essas manifestações nocivas e discriminatórias possuem um impacto direto na saúde mental de pessoas LGBTQIA+, é evidenciada a relevância do desenvolvimento de mais estudos sobre essa população, de modo que suscite reflexões e se pensem estratégias mais apropriadas para alcançar melhorias para esse grupo, visto que ainda há uma lacuna de produções acadêmicas

nesse sentido (Abade, Chaves & Silva, 2020).

Método

Esta pesquisa configura-se como qualitativa, descritiva e de corte transversal. Segundo Gil (2019), os estudos qualitativos são marcados pela expressão de resultados por descrições verbais, preconizando a interpretação dos conteúdos emergentes. Entende-se descritiva, a pesquisa que se ocupa em discorrer acerca das características de determinado fenômeno ou população, bem como a compreensão das dinâmicas grupais por meio das relações entre as variáveis (Gil, 2019). Trata-se de um trabalho de corte transversal, pois ocorre apenas em um momento específico e não tem o interesse de fazer um estudo em outros momentos (Campos, 2015). Para a coleta de dados, foi utilizada a técnica de etnografia virtual, com referência em Mercado (2012), e para interpretação, aplicou-se a análise de conteúdos de Bardin (2016).

Na versão gratuita do aplicativo são disponibilizados 100 perfis para acesso livre, sendo que destes foram selecionados apenas os perfis enquadrados nos critérios de inclusão, melhor apresentados no tópico seguinte, estes de uma cidade do Acre. É importante destacar que a cidade escolhida para realização da pesquisa não será especificada, evitando ao máximo as possibilidades de exposição dos usuários do aplicativo.

Vale elucidar ainda que esta pesquisa se constrói pelo uso dos dados dispostos em cada perfil da rede social (*Grindr*), que podem ser acessados por qualquer pessoa que venha utilizar o aplicativo, não havendo necessidade de contatar diretamente os indivíduos que o utilizam. Não serão explicitados dados que possam identificar os usuários, como nomes próprios, descrições detalhadas de fotos, localização, dentre outros dados que possam gerar qualquer tipo de exposição, respeitando as normas da Resolução nº 466/2012.

Coleta de dados

Para realizar a coleta de dados foi utilizada a técnica de etnografia virtual. Segundo (Mercado, 2012), essa técnica objetiva realizar uma coleta de dados que evidenciem os jogos de papéis presentes nas dinâmicas virtuais. Essa técnica foi escolhida com base na perspectiva de poder adaptar a coleta de dados de um aplicativo como o *Grindr*.

A coleta ocorre no próprio campo por meio de observação participante, e por conta disso foi criado um perfil para possibilitar o acesso aos perfis dos usuários. Ao todo, foram selecionados 23 perfis, por um período de uma hora, onde foram excluídos os perfis que não demonstram indicativos de padrões de masculinidade, heteronormatividade e homofobia. Foram selecionados os perfis que apresentavam pelo menos uma das seguintes características correspondentes: “Nome de exibição” que remetem elementos de masculinidade e heteronormatividade; “Imagens” que mostram partes do corpo que representam padrões de virilidade e ideal de masculino; “Sobre mim” que remetem padrões de masculinidade/heteronormatividade; “Minhas *tags*” que remetem a características de masculinidade/heteronormatividade; “*Estats*” que remetem a características de masculinidade/heteronormatividade.

Para facilitar a organização da coleta de dados, foi criada uma tabela com categorias de coleta (APÊNDICE I). As categorias foram: (1) Foto de perfil; (2) *Tags*; (3) Descrição; (4) Categorizações sugeridas pelo aplicativo (altura, peso, etnia, tipo físico, etc.). Após a transportação dos dados na tabela, os perfis foram verificados individualmente de modo que foram observados os elementos que aparecem. Tais categorias, serão melhor descritas na análise de dados coletados.

Destes perfis, foram explorados/coletados os conteúdos textuais e visuais apresentados, onde foi utilizada a análise de conteúdo temático de Bardin (2016), e

interpretados sob a luz do conceito da casa-dos-homens, proposto por Welzer-Lang (2001).

Adentrando o Porão da Casa-dos-Homens

Análise e Discussão dos Resultados

O objeto da análise é a linguagem (elementos do perfil como imagens, nome, sobre mim, *tags* e *stats*) apresentada pela amostra no contexto em que está estabelecida, de forma que se busque compreender quais conteúdos se manifestam, de que modo se manifestam e as formas de expressão em seu contexto a partir do que é observável (Bardin, 2016).

Os conteúdos obtidos foram interpretados pelo viés da análise de conteúdo de Bardin (2016), que orienta esta pesquisa, demonstrando como se manifestam e se relacionam, e quais seus potenciais efeitos e implicações para a construção de subjetividades.

Para a interpretação e análise dos dados coletados foram criadas as seguintes categorias de análise: (1) mecanismos de heteronormatividade; (2) padrões de masculinidades; (3) reprodução de homofobia; e (4) reprodução de outros tipos de discriminação.

Mecanismos de heteronormatividade

A primeira categoria de análise refere-se aos Mecanismos de Heteronormatividade, e objetiva explicitar e compreender, a partir dos elementos dos perfis analisados e dos conceitos de Welzer-Lang (2001), de que forma a heteronormatividade resulta na utilização de mecanismos que mascaram a expressão de uma sexualidade não-hétero, de modo que se evite uma constatação tanto a nível pessoal dessa sexualidade, quanto também do contato com quem expresse livremente sua própria sexualidade não normativa, protegendo esses indivíduos de serem percebidos como alguém que possui interesses sexuais e/ou afetivos com

outros homens.

Dos perfis coletados para análise, foram avaliados como elementos referentes a esses mecanismos a ausência de fotos que pudessem identificar os usuários, utilizadas fotos de paisagens, fotos de pessoas retiradas da internet (especificado em um dos perfis) e fotos de homens com o rosto ocultado, não sendo possível identificar se, no último exemplo, eram fotos pessoais, visto que não foi realizado nenhum contato com qualquer usuário. Outro demonstrativo dos mecanismos de heteronormatividade percebido foi a utilização de expressões nos nomes de exibição e *tags* que remetem a necessidade dos usuários de não serem reconhecidos. Dentre essas expressões, pode-se destacar “*sigiloso*” (e variações abreviadas como “*sig*” e “*sgl*”), “*discreto*” (e variações abreviadas como “*dsc*”), “*não assumido*” e “*sexo sigiloso*”.

A partir dos elementos evidenciados, é notório que a heteronormatividade, enquanto um conjunto de regras que se sustenta pela negação da expressão de identidades sexuais não normativas, sendo ainda um forte alicerce da Casa-dos-Homens, emerge e corrobora para que a experiência de homens que possuem interesses sexuais e afetivos por outros homens seja cautelosa e vivenciada de forma limitada e secreta, mesmo em um espaço virtual como o *Grindr*, voltado para esse tipo de contato. Em consequência disso, são utilizados mecanismos que mantêm esses homens “seguros”, performando heterossexualidade de forma aberta, e experimentando a própria sexualidade de forma fechada, “sigilosa”.

A heteronormatividade pode ser percebida também nesse espaço como motivadora da resistência em expressar a própria sexualidade pela busca de proteger-se de possíveis situações de preconceito. A busca por parceiros para fins homoeróticos de forma quase que secreta através do *Grindr* (e até de outras plataformas virtuais) é também uma estratégia para realizar essas buscas de forma que se evitem espaços não virtuais e abertos predominantemente héteros e para que, conseqüentemente, sejam evitadas experiências de

discriminação e violência (Neto, 2021). A busca por sigilo é também uma expressão da exclusão que esses homens sofrem por estarem incluídos em um cenário que permite apenas interações héteros, marginalizando e territorializando desejos que fogem à norma (Morelli & Souza, 2016).

Padrões de masculinidades

A categoria analisa de que forma são reproduzidos os padrões de masculinidade esperados dentro da Casa-dos-Homens, e a separação dos “Grandes-Homens” e “Pequenos-Homens”. Considerando, que o “verdadeiro homem” é aquele que não é lido como “mulher”, é um homem viril, másculo, ativo e dominador. A categoria é marcada pelo temor que esses homens possuem de serem associados às mulheres e, mais especificamente, à feminilidade, caso não apresentem um comportamento heteronormativo e masculino esperado pela sociedade e por outros homens em específico. Justamente por esse temor, performam para reproduzir os padrões de masculinidade hegemônica, dando mais valor ao “ser macho”, viril, agressivo e hipersexualizado (Welzer-Lang, 2001).

Sendo assim, dentro dos perfis analisados, apresentaram-se diversos elementos que demonstraram esses padrões de masculinidade hegemônica, através de palavras autodescritivas como “*Rústico*”, “*Urso*”, “*Parrudo*”, “*Peludo*”, e “*Macho*”, demonstrando uma reprodução de características de uma masculinidade relacionada ao porte físico ideal dos “Grandes-Homens”, apresentando-se como fortes, grandes e másculos (Correr & Souza, 2015).

“*Ativo*”, “*Dominador*”, “*Dotado*”, “*Casual*”, “*Fastfoda*”, “*Palmadas*” e “*Cachorro*” foram palavras comuns nos *stats* e *tags*, sendo encontradas em diversos perfis. Essas características indicam uma cultuamento à virilidade e hipersexualização do homem, que tem que estar sempre disposto ao ato sexual e de forma ativa, dominante e agressiva. A presença

destas palavras são indicativos de uma performance sexual relacionada aos ideais de Homem viril, que é enérgico, que “não possui sentimentos”, o “homem violento por natureza”, que não é afetivo ou sentimental, pois isso “é coisa de mulherzinha”, componentes da masculinidade hegemônica. Sobre a presença frequente do termo “ativo”, indica sua preferência por posição sexual, que é normalmente visto como não homoafetivo, pois “gay é quem dá” (Braga, 2015).

Um dos perfis foi bem explícito nesse sentido, descrevendo no seu “*Sobre mim*” a seguinte frase: “*esfomeado por leite. bezerro pq so tomo leite. minha garganta é o meu cu. soca nela ate gozar se tu for macho. viados to fora*” e outro “*Sexo Sigiloso, sexo forte, bruto selvagem*” indicando uma performance sexual agressiva, além de também a busca por um “*homem macho*”, outro que seja semelhante a ele mesmo. Outros perfis descrevem no campo “*Sobre mim*”: “*Atração por Homem Macho*” e “*amo todos mas afeminados não me dá tesão*” demonstrando uma necessidade de se afirmarem não afeminados, assim como uma recusa de se relacionar com uma pessoa que destoa dos padrões de masculinidades, se colocando distante do que é visto como feminino.

Em um dos perfis foi expressa a seguinte frase no “*Sobre mim*”: “*curto mais ser psv sou discreto não sou afeminado e nem curto*”. É especificada inicialmente sua preferência pela posição sexual de passivo, posição essa que pela ótica da heteronormatividade e masculinidade hegemônica, está também relacionada à posição “de mulher”, e consequentemente de não ser homem. Só é visto como gay, quem é penetrado. Após assumir uma característica que coloca esse usuário em uma posição mais baixa na hierarquia da Casa-dos-Homens, a frase é seguida pelas expressões “*(...) sou discreto não sou afeminado e nem curto*”. Tal frase possibilita a percepção de uma negação por homens afeminados como uma estratégia de diferenciar-se destes, na tentativa de se colocar, de alguma forma, superior a quem possui características associadas. É “menos homem” do que homens ativos, mas é mais

homem do que homens passivos afeminados (Braga, 2015).

Indo na direção contrária aos outros perfis apresentados nessa categoria, um dos usuários escreveu no seu “*Sobre mim*”: “(...) *o fato de ser ATIVO ou PASSIVO não te exclui de ser gay idiota anencéfalo*”. O usuário do perfil subverte a lógica de reprodução de heteronormatividade da Casa-dos-Homens, ao fazer uma queixa de que a posição sexual não determina que um homem que prefere a posição sexual ativa é mais homem do que um que prefere a posição de passivo. É possível notar, a partir desses elementos, a percepção do próprio usuário quanto a presença de reprodução de heteronormatividade e masculinidade hegemônica, emergindo não como uma perpetuação desses fenômenos nesse espaço, mas sim como uma denúncia dessas problemáticas, podendo ser interpretada ainda como uma expressão das experiências de sofrimento frente a essas barreiras, resultados de reproduções entre um público que, segundo ele, é composto por homossexuais.

Reproduções de homofobia

A terceira categoria foi criada com o objetivo de nos debruçarmos sobre o uso de expressões e elementos de caráter homofóbico pelos usuários do *Grindr*. A homofobia, nesse contexto, é configurada como uma reprodução, tendo em vista realizada por pessoas sujeitas a sofrer esse tipo de discriminação. Uma característica importante a ser destacada sobre a reprodução de homofobia é que os sujeitos que, mesmo fazendo parte de grupos marginalizados, acabam por perpetuar tais preconceitos por vivenciarem processos de internalização, muitas vezes tendo experienciado diretamente situações em que foram discriminados. Sob a óptica de Welzer-Lang (2001), a homofobia é uma produção direta da perpetuação de padrões heteronormativos e de masculinidade, sendo um componente da Casa-dos-Homens que reforça a hierarquia existente entre eles.

Dos perfis analisados, um deles apresentou uma expressão diretamente homofóbica,

sendo esta “(...) *viados to fora*”. O usuário expressa, nessa afirmativa, a falta de interesse pelo homem dito “viado”, enunciando a sua recusa por qualquer homem que fuja à norma heterossexual e masculinizada. Tendo em vista que o termo “viado” é comumente direcionado a homens, facilmente identificados como alguém que viola as regras heteronormativas, sendo estabelecida aí uma diferença entre quem é “gay” e quem é “viado” (Neto, 2021).

Essa diferenciação é estabelecida porque a heteronormatividade é utilizada mais uma vez para definir quem é desejável e quem não é, e o “viado” tido como feminino, está fora do campo de desejo dos homens “passáveis” (grandes-homens). Assim, a homofobia também passa a ser uma ferramenta de discriminação e exclusão de homens “viados” (pequenos-homens) e define quem pode e quem não pode ser desejado, sendo um reforço aos alicerces da hierarquia da Casa-dos-Homens (Welzer-Lang, 2001).

Reprodução de outros tipos de discriminação

A última categoria foi estabelecida com objetivo de evidenciar os elementos percebidos, através da coleta de dados, que indicam reproduções de discriminações além de homofobia, como apresentado na categoria anterior. Dessa forma, entre os perfis observados, houve um que apresentou em foto a seguinte frase: “*Os gays odeiam pessoas com deficiências*”, seguida de um emoji de rosto chorando. Nesse exemplo é demonstrado que essa rejeição é identificada pelo próprio usuário motivada pelo “ódio” que “os gays” direcionam a pessoas com deficiências.

Considerando que, segundo os padrões de masculinidade hegemônica, o homem precisa ser alguém forte, que realiza atividades físicas e possui um porte físico ideal, alguém que não alcança esses ideais de masculinidade, é lido como “menos homem”, limitando suas possibilidades de ser desejado, assim como de desejar. Destaca-se que é comum que pessoas

com deficiências muitas vezes sejam vistas como pessoas sem desejos sexuais (Maia & Ribeiro, 2010).

O nome que este usuário escolheu para sua identificação no aplicativo foi: “*Rejeição dói*”, sugerindo experiências de rejeição nas interações com outros homens gays. O perfil também possui a ausência de “*Sobre mim*”, “*tags*” e “*estats*”, que podem ser interpretadas como uma ausência de especificações sobre as próprias características e preferências. Tais informações podem ser interpretadas como uma negação da possibilidade de desejar e escolher outras pessoas para se relacionar, por estar submetido a essa hierarquia. Levando em consideração, ainda, que a partir das hierarquias estabelecidas, Welzer-Lang (2001) afirma que o "Pequeno-Homem" deve aguentar o sofrimento em silêncio, sem reclamar da sua condição de inferior. É um perfil que demonstra a marginalização de corpos que não correspondem com os ideais de masculinidade e, por isso, são recusados.

Um dos perfis exclamou no seu “*Sobre mim*”: “*(...) O pior daqui é ler perfil de homossexual preconceituoso querendo ser heterossexual, te enxerga engodo, todos aqui são HOMOSSEXUAIS (...)*”, afirmando que todos os usuários do aplicativo são exclusivamente gays, corroborando para a exclusão de outras expressões de sexualidade não normativas no aplicativo. De acordo com Welzer-Lang (2001), a norma heterossexista não exclui apenas pessoas homossexuais, mas também pessoas que possuem outros tipos de sexualidade, como homens bissexuais, por exemplo.

Também é importante ressaltar que não foi observado nenhum usuário que se identificou homem transexual durante a coleta de dados. A ausência desses usuários, vinculada à presença de diversos perfis que destacavam que eram ou buscavam “*dotados*”, evidencia a cultuamento exclusiva do homem com pênis. O grande-homem é o homem padrão, e quem se encaixa nesse padrão é o homem, com um pênis grande, o “*penetrador*”, o homem dotado. Isso demonstra como a Casa-dos-Homens exclui identidades transexuais a

partir do reforço de ideais binários que vinculam a genitália à identidade sexual das pessoas (Zanello, 2018). Vale ressaltar que o Grindr se apresenta como um aplicativo voltado para pessoas LGBTQIA+, e não exclusivamente para homens gays.

Considerações finais

A partir desse processo de investigação, foi possível notar que no Grindr emergiram elementos relacionados a heteronormatividade, masculinidades e homofobia, indo ao encontro do conceito da Casa-dos-Homens de Welzer-Lang (2001). Foi possível, através dos conteúdos de cada perfil analisado, perceber como esses fenômenos ocorrem nesse espaço virtual e de que forma são expressos, levando-nos a avaliar como atingidos os objetivos aos quais esta pesquisa foi proposta.

Aqui inauguramos a concepção de um Porão-dos-Homens, utilizando o conceito de Welzer-Lang (2001) de referência, para representar um espaço (físico, subjetivo ou simbólico) dotado de hierarquias que se estabelecem entre os homens. Isto, partindo da compreensão de que não há uma “masculinidade”, mas sim masculinidades diversas; pois a Casa-dos-Homens funciona a partir de separações. Relacionando conceitos do autor supracitado, apresentamos a ideia de um porão-dos-homens, a partir da percepção de que quem pertence a esse espaço está abaixo da hierarquia pré-estabelecida, e que mesmo estando expostos a outros atravessamentos, como racialidade, classe social, regionalidade e performances masculinas, ainda são homens que carregam masculinidades performativas sob outros homens.

Foi possível notar que espaços, mesmo abertamente voltados para pessoas LGBTQIA+, são permeados pela norma heterossexista e pela masculinidade hegemônica, hierarquizando um espaço que teoricamente deveria ser mais seguro e menos violento,

transformando-o num Porão-dos-Homens. A partir dos elementos que surgiram, como “*sigilo*”, “*viados to fora*”, “*macho*”, são expressos os desejos e autopercepção de homens moldados pela violência desses fenômenos.

Por fim, espera-se que esta pesquisa tenha contribuído para as discussões de gênero, de modo que suscite novas pesquisas sobre as masculinidades nos mais diversos campos, possibilitando maiores reflexões sobre as relações das pessoas LGBTQIA+.

Referências

- Abade, E. A. F., Chaves, S. C. L., & Silva, G. C. O. (2020). Saúde da população LGBT: Uma análise dos agentes dos objetos de interesse e das disputas de um espaço de produção científica emergente. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 30(04). <https://doi.org/10.1590/S0103-73312020300418>
- Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo* (1a ed.). São Paulo; 70.
- Braga, T. G. (2015). “Não estou cobrando o que não posso dar”: Masculinidade simétrica no homoerotismo virtual. *Sexualidad, Salud y Sociedad* (21). <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2015.21.12.a>
- Campos, L. F. L. (2015). *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Psicologia*. (5 ed.). Alínea.
- Carrieri, A. P., Perdigão, D. A., & Aguiar, A. R. C. (2014). A gestão ordinária dos pequenos negócios: Outro olhar sobre a gestão em estudos organizacionais. *Revista de Administração*, 49(4), 698-713.
- Correr, R., & Souza, A. P. V. (2015). Expressões de sexualidade: Estudo a partir da construção da masculinidade em estudantes do ensino médio. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, 10(2), 1545-1559. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=619866423011>
- Figueira, M. D. (2020). *Identidade, autoestima, saúde mental e vinculação em pessoas LGBT* [Dissertação de Mestrado, Universidade Beira Interior]. <http://hdl.handle.net/10400.6/11057>
- Gil, A. C. (2019). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. (7 ed.). Atlas.
- Illouz, E. (2011). *O amor nos tempos do capitalismo*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Kimmel, M. S. (1998). A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. *Horizontes Antropológicos*, 4(9), 103-117. <https://doi.org/10.1590/S0104-71831998000200007>
- Maia, A. C. B., & Ribeiro, P. R. M. (2010). Desfazendo mitos para minimizar o preconceito sobre a sexualidade de pessoas com deficiências. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 16(2). <https://doi.org/10.1590/S1413-65382010000200002>

- Mercado, L. P. L. (2012). Pesquisa qualitativa on-line utilizando a etnografia virtual. *Revista Teias*, 13(30), 169-183. <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24276>
- Morelli, F., & Souza, L. L. (2016). Entre regimes de (in)visibilidade: mídias rizomáticas e ciberativismo. *Revista Verso e Reverso*, 30(74), 135-146. <https://doi.org/10.4013/ver.2016.30.74.06>
- Miskolci, R. (2009). *O armário ampliado: Notas sobre sociabilidade homoerótica na era da internet*. *Gênero*, 9(2), 171-190. <https://doi.org/10.22409/rg.v9i2.88>
- Neto, J. G. O. (2021). “Onde há viado não há sossego, prefiro os machos”: construindo sentidos sobre masculinidades e hétero(homo)normatividade junto a usuários de app de pegação [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Pernambuco]. <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/40551>
- Paveltchuk, F. O., & Borsa, J. C. (2020). A teoria do estresse de minoria em lésbicas, gays e bissexuais. *Revista da SPAGESP*, 21(2), 41-54. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702020000200004
- Resolução n.º 466, de 12 de dezembro de 2012. *Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos*. [resolucao_cns_n_466.pdf](#) (www.gov.br).
- Rothenburg, W. C., & Stroppa, T. (2015). *Liberdade de expressão e discurso de ódio: O conflito discursivo nas redes sociais*. Anais do Encontro Nacional de Direito e Contemporaneidade, Santa Maria, RS, Brasil, 3.
- Sáez, J., & Carrascosa, S. (2016). *Pelo cu: Políticas anais*. Belo Horizonte: Letramento.
- Saraiva, L. A., Santos, & L. T., Pereira, J. R. (2020). *Heteronormatividade, masculinidade e preconceito em aplicativos de celular: O caso do Grindr em uma cidade brasileira*. Minas Gerais: Belo Horizonte. <https://doi.org/10.15728/bbr.2020.17.1.6>
- Vigarello, G. (2013). Introdução. A virilidade, da antiguidade à modernidade. In G. Vigarello. (Orgs.) *História da virilidade: A invenção da virilidade da antiguidade às luzes*. (vol. 3, pp. 11-16). Petrópolis: Vozes.
- Warner, M. (1993). *Fear of a queer planet* (6º ed.). Minneapolis: University of Minnesota.

Welzer-Lang, D. (2001). *A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia*, 460-482. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2001000200008>

Zanello, V. (2018). Homens e o dispositivo da eficácia. In V. Zanello. *Saúde mental, gênero e dispositivos: Cultura e processos de subjetivação*. (1º ed., pp. 175-219). Curitiba: Appris.

Apêndice I

Número do perfil	Nome de exibição	Idade	Descrição de Imagens ou fotos	Minhas Tags	Sobre mim	Estats